

Joana Lima/Assecom-Governo do Rio Grande do Norte



Crianças já brincam nas águas do São Francisco em Mossoró (RN)

Por Reynaldo Rodrigues

Como escreveu Carla Madeira, na obra literária Tudo é Rio: “O rio não pergunta se pode passar, ele vai abrindo caminho. Tudo o que flui se transforma. Tudo o que insiste, vive.”

A frase poética fala sobre relações humanas, mas pode ser também uma alusão ao movimento do rio São Francisco, cruzando novas fronteiras e levando renovação ao semiárido.

No Nordeste, onde o sol castiga e o chão muitas vezes se racha em silêncio, cada gota tem o peso da sobrevivência. Por séculos, o sertanejo aprendeu a conversar com a seca, a extrair vida da falta de chuva e a guardar o sonho de ver o rio correr perto de casa. É por isso que o Velho Chico não é apenas uma distribuição de água: é memória, sustento e promessa cumprida de que o deserto pode florescer quando a água encontra o seu caminho.

Fonte de tanta vida

No dia 4 de outubro, foi comemorado o aniversário do Rio São Francisco. A data marca a primeira vez que os invasores portugueses Américo Vespúcio e André Gonçalves navegaram pelo Opará, forma como o rio era chamado em Tupi-Guarani pelos povos originários. Para celebrar os 524 anos do momento em que ele passou a ser o Velho Chico.

O Rio é considerado o principal curso de água do Nordeste e é o quarto maior do Brasil, ficando somente atrás dos Rios Amazonas, Paraná e Madeira. O Velho Chico tem sua nascente na Serra da Canastra, em Minas Gerais, onde solos e rochas armazenam e liberam água gradualmente, garantindo o fluxo contínuo do rio — mesmo nas secas mais severas. Com bacia hidrográfica de cerca de 645 mil km², atravessa originalmente cinco estados: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Desde o Segundo Império, estudos o apontam como uma solução para o severo flagelo da seca. Por anos, porém, essa ideia de transposição do São Francisco ficou somente no papel.

Em 2025, o recurso hídrico passou a chegar também a novos estados, como o Rio Grande do Norte, ampliando o abastecimento e fortalecendo a qualidade de vida no semiárido. A próxima etapa será alcançar municípios do

Piauí. Apesar do avanço, a bacia enfrenta desafios como poluição, redução de áreas de água natural e disputas pelo uso dos recursos hídricos.

Projeto de Integração

O Projeto de Integração do Rio São Francisco (PISF) é um dos maiores esforços do país para ampliar o acesso à água no semiárido, conectando o Velho Chico a outras bacias por meio de uma complexa rede de canais, reservatórios, estações de bombeamento e aquedutos.

Com seus dois eixos — Norte e Leste —, o sistema reforça o abastecimento de cidades e áreas rurais, beneficiando milhões de nordestinos. A obra inclui túneis de grande porte, como o Cuncas I, o maior da América Latina destinado ao transporte de água, e extensas linhas de transmissão que garantem o funcionamento do bombeamento.

Embora o São Francisco reúna grande parte da água do Nordeste, a região como um todo dispõe de apenas uma pequena fração dos recursos hídricos do país — o que torna indispensáveis soluções estruturantes para reduzir os impactos das estiagens.

Rio Grande do Norte

Questionados pelo Correio da Manhã sobre a expansão do projeto, o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR) informou que o Projeto de integração do Rio São Francisco (PISF) já impacta positivamente o semiárido potiguar desde agosto de 2025, quando o estado recebeu, pela primeira vez de forma regulamentada, as águas da transposição.

O ministro Wáldez Góes percorreu recentemente o chamado “caminho das águas”, acompanhando obras estruturantes que possibilitam a chegada do São Francisco ao território potiguar.

“Essa liberação marca mais um avanço na missão de garantir segurança hídrica ao povo nordestino. O Rio Grande do Norte foi uma das pontas dessa grande engenharia que é o PISF, e chegamos lá com planejamento, responsabilidade e olhar social”, destacou o ministro.

Piauí

No fim de outubro, o Governo Federal oficializou a inclusão do Estudo de Viabilidade Técnica, Econômica, Ambiental e Social (EVTEAS) do Canal de Integração

Integração hídrica amplia o alcance do Velho Chico pelo semiárido nordestino

Divulgação/Codevasf



Alevinos são soltos no rio para conter problemas ambientais

Divulgação/MDIR



Canais já levam a água do São Francisco até municípios do Rio Grande do Norte

Divulgação/MDIR



Governo já autorizou estudo para o avanço das águas até o Piauí

ção do Sertão Piauiense no escopo do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (Novo PAC), dentro do eixo Água para Todos.

A medida, publicada pela Resolução CGPAC nº 11 no Diário Oficial da União, representa um avanço decisivo para que o Piauí integre o sistema de transposição das águas do São Francisco.

O secretário nacional de Segurança Hídrica do MIDR, Giuseppe Vieira, afirmou que a inclusão do estudo reforça o compromisso do governo federal com a água como vetor de cidadania. “Todo grande empreendimento, até ser realizado, precisa passar por essa etapa de estudo. Isso dá segurança de que, demonstrada a viabilidade, poderemos dar os próximos passos a elaboração do projeto e, futuramente, discutir com a população do Piauí as obras do Canal do Sertão Piauiense, o Eixo Oeste da transposição.”

Eixo Oeste

O Canal do Sertão Piauiense renasce no planejamento hídrico nacional como parte do Eixo Oeste da Transposição, um antigo sonho que volta a ser desenhado pelo Governo Federal e pela esperança do povo do semiárido. O projeto prevê dar nova vida aos rios Canindé e Piauí, levando até essas regiões as águas do reservatório de Sobradinho, na Bahia. A expectativa é criar um fluxo contínuo capaz de transformar a espera em permanência, um fio d’água que liga o sertão à sobrevivência.

Pelo menos 26 municípios serão atendidos diretamente pelo empreendimento — 24 no Piauí e dois na Bahia — totalizando cerca de 698 mil pessoas potencialmente beneficiadas. No total, 85 cidades poderão ser impactadas de forma direta ou indireta pelo projeto.

Impactos ambientais

Nem tudo, porém, corre sem contravérsias. A professora e doutora em direito Silvana L. Henkes, da Universidade Federal de Uberlândia, analisou o contexto histórico-jurídico da Transposição e alertou para impactos ambientais de longo prazo.

Entre os riscos, ela cita: modificação dos ciclos naturais de vazão do rio-doador; redução da biodiversidade nas bacias receptoras; entrada de espécies exóticas e alteração de habitats, e qualidade da água questionável, com captações contendo altas concentrações de coliformes.

A pesquisadora também menciona a diminuição de receitas municipais nas áreas-doadoras e possíveis efeitos sobre a geração de energia. Segundo ela, a falta de monitoramento a longo prazo e a complexidade ambiental das regiões impactadas tornam incertas as promessas iniciais do projeto.

Para tentar diminuir parte desse impacto a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf) realiza o peixamento no Rio a ação de revitalização ambiental voltada ao repovoamento do rio e à recuperação do estoque pesqueiro, reduzido pela pesca predatória, degradação ambiental e espécies exóticas. Ao soltar alevinos nativos, como curimatã e matrinxã, busca-se preservar a biodiversidade, restaurar o equilíbrio ecológico, promover a conscientização ambiental e fortalecer a economia das comunidades ribeirinhas que dependem da pesca.

Revitalização

O presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco (CBHSF), Cláudio Ademar, esteve em Brasília no último mês para buscar apoio de senadores em pautas relacionadas à gestão e revitalização do Velho Chico. Em reunião com Ângelo Coronel, Otto Alencar e representantes do senador Jaques Wagner, Ademar apresentou pareceres técnicos sobre dois temas principais: a inclusão do CBHSF no Comitê de Contas do Fundo Eletrobras e o corte orçamentário na cobrança pelo uso da água da bacia.

Os parlamentares se comprometeram a interceder junto ao governo federal, e a visita resultou na proposta de uma audiência pública no Senado Federal, considerada uma vitória importante. O evento deve reunir políticos, comunidades tradicionais, produtores e sociedade civil para discutir ações urgentes de revitalização e sustentabilidade da bacia.

Insiste em viver

Mesmo com polêmicas voltadas para questões ambientais a ação é mais que um curso d’água, o São Francisco é história, sobrevivência e esperança. Ele corta sertões, atravessa gerações e, como escreveu Carla Madeira, “vai abrindo caminho”. No traçado entre nascentes e barragens, entre sertões e cidades, o Velho Chico segue insistindo e vivendo.